

# Sob a égide da pós-verdade e dos multiletramentos: o discurso do movimento antivacinação infantil

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima (UEG / UNUIINHUMAS)\*  
<https://orcid.org/0000-0002-1924-4780>

Sara Pereira (UEG / UNUIINHUMAS)\*\*  
<https://orcid.org/0009-0000-3954-4257>

## Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso da pós-verdade em movimentos antivacinação infantil durante o contexto pandêmico do Covid-19. O aporte teórico-metodológico que embasa este trabalho é a Análise do Discurso de orientação francesa, a partir dos preceitos de Foucault (2008, 2014), Paveau (2020), dentre outros. Para estabelecermos, um diálogo com o ensino, integramos ao devido pressuposto a perspectiva bakhtiniana dos gêneros discursivos, em sua relação com os novos e multiletramentos, propostos por Rojo (2004, 2008, 2012, 2015), Soares (2002) e outros autores. Trata-se de uma pesquisa empírica de cunho interpretativo que toma como *corpus memes*, coletados na rede social Instagram, que, em sua configuração enunciativa, pautada no fundamentalismo político e religioso, faz coro com o movimento antivacinação infantil, subvertendo sua relevância. Como resultado, verificamos a crescente difusão de *fake news* e o seu impacto sobre a regularização da pós-verdade em reproduções massivas nas redes sociais, o que nos intima a problematizá-las em sala de aula e a refletir sobre o papel da web em estudos de multiletramento.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Multiletramento; Meme; Movimento Antivacina.

\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/CAr (2011), Pós-Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2013), Pós-Doutora em Linguística e Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2023). É docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Inhumas, orienta Pesquisas (Iniciação Científica) e Ações de Extensão. Atua na área da Linguística, em Teoria e Análise Linguística, Análise do Discurso e Ensino de Língua Portuguesa. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0513911850886500>. E-mail: [ffpalima@uol.com.br](mailto:ffpalima@uol.com.br).

\*\* Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Especialista em Linguagem, Cultura e Ensino pela Universidade Estadual de Goiás – UEG/UNUIINHUMAS (2022), Graduada em Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás – UEG/UNUIINHUMAS (2019). Graduada em Ciências Biológicas - Licenciatura Plena - pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2018). Também é membro ativo dos grupos de estudos TRAMA (UFG) sob a coordenação da Profa. Dra. Kátia Menezes de Souza e do GUETUS (UEG) sob a coordenação da Profa. Dra. Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9483402466936350>. E-mail: [psara2294@gmail.com](mailto:psara2294@gmail.com).

## Abstract:

### **Under the aegis of post-truth and multiliteracies: the discourse of the anti-child vaccination movement**

This article aims to analyze the post-truth discourse in anti-vaccination movements during the Covid-19 pandemic context. The theoretical-methodological contribution that supports this research is the French Orientation Discourse Analysis, based on the precepts of Foucault (2008, 2014), Paveau (2020) and other studies. In order to establish a dialogue with the, we integrated the kh perspective into basic-discursive teaching, in relation to its discursive genres, in relation to its relationship with the new and multiple studies, proposed by Rojo (2004, 2008, 2012, 2015), Soares (2002), among others. This empirical research has an interpretive nature and takes as its corpus the meme genre, collected on the social network Instagram which, in its enunciative configuration, based on political and religious fundamentalism, chorus with the children's anti-vaccination movement, subverting its medicine. As a result, we verified the growing spread of fake news and its impact on the regularization of post-truth in massive reproductions on the networks, which urges us to problematize it in the classroom and social reflection on the role of multiliteracies on the web.

**Keywords:** Discourse Analysis; Multiliteracies; Meme; Anti-Vaccination Movement.

## Introdução

O fenômeno da pós-verdade tem constituído mais um advento da hipertextualidade eletrônica que emerge recorrentemente nos meios digitais, em especial, nas redes sociais. Neste campo de interação, tem-se produzido discursos sob a ótica da desinformação e do negacionismo. Com isso, o presente artigo propõe analisar o discurso da pós-verdade em movimentos antivacina durante o contexto pandêmico do Covid-19. Para este fim, optamos por analisar postagens na rede social Instagram, por ser um recurso que possibilita uma vasta ferramenta para a produção de conteúdos e compartilhamento de informação. Dentre as postagens coletadas, buscamos analisar o gênero *meme* devido à sua rápida disseminação no meio digital, além de estar sempre relacionado a algum acontecimento.

O contexto de pandemia tem sido um palco propício para a proliferação de *fake news*<sup>1</sup>, de modo que a opinião pública tem disputado lugar com os discursos científicos na mídia jornalística eletrônica. As redes sociais na contemporaneidade têm disseminado conteúdos de informação que muitas vezes substituem o papel jornalístico-midiático. Esses conteúdos produzidos no ciberespaço são compartilhados de forma simples e rápida e disseminados em grupos de afinidade. Nesses termos, de modo a corroborar com essa fluidez de compartilhamentos, os *memes* são gêneros que garantem a interação comunicativa e emergem de práticas sociais.

1 No artigo *Social media and fake news in the 2016 Election*, os autores Hunt Allcott e Matthew Gentzkow (2017) definem *fake news* como notícias falsas com o intuito de enganar os leitores.

Sendo assim, este trabalho pauta-se nos pressupostos da Análise do Discurso francesa, nos estudos de Foucault (2008, 2014), em diálogo com a perspectiva teórica dos gêneros discursivos proposta por Bakhtin (2003, 2016), e em sua relação com os multiletramentos, na perspectiva de Soares (2002), Rojo (2004, 2008, 2012, 2015), entre outros autores. Para propormos uma reflexão sobre o fenômeno da pós-verdade durante a campanha de vacinação contra o Covid-19, temos questionado alguns discursos que circulam na mídia digital. Em busca de respostas, indagamos como o discurso da pós-verdade se consolida em gêneros digitais multimidiáticos que deslegitimam o discurso científico da vacinação no Instagram.

Entendemos que só se é possível reformular determinadas ideias por meio de estudos e problematizações constantes. Dessa forma, por meio da Análise do Discurso, doravante AD, é possível dizer que os discursos imprimem valores de verdade (FOUCAULT, 2008), de modo que um discurso sempre será formado a partir de uma relação com outro. Buscamos desvelar, assim, efeitos de sentidos, entremeados a efeitos de humor, em *memes*, como práticas discursivas contrárias a estudos científicos que visam ao bem-estar da saúde pública.

Esta pesquisa que se caracteriza como empírica, em uma perspectiva analítico-discursiva, analisa dois *memes*, selecionados entre dez *memes* coletados no Instagram em 2021, cujo conteúdo temático remete à campanha da vacinação infantil contra o Covid-19. Para tanto, procuramos contribuir com reflexões acerca do discurso da pós-verdade e de seus efeitos nefastos em defesa do negacionismo. Desse modo, conferimos a seguinte estruturação ao artigo: inicialmente, apresentamos o conceito de gênero discursivo, observando algumas características composicionais que

constituem o *meme*, bem como discorremos sucintamente sobre o conceito de rede social. Essas noções se correlacionam com os estudos dos novos e multiletramentos. Na seção seguinte faremos uma discussão teórica sobre o discurso político-fundamentalista contra a vacinação em sua relação com a pós-verdade. Por fim, analisamos os enunciados constituídos por *memes* que foram mobilizados no Instagram, bem como seus efeitos de sentidos em práticas virais de negacionismo.

Em uma breve pesquisa bibliográfica, foram encontrados vários artigos científicos, dissertações e teses que discorrem sobre as *fakes news*, a pós-verdade e o gênero *meme* na cultura brasileira. Pesquisas como a de Serra (2018), que analisa as consequências e a amplitude do fenômeno da *fake news*, e outros estudos mais recentes, como o de Andrade (2021), que analisa o gênero *meme* em uma perspectiva pós-humanista na rede social *Facebook* são significativos à problematização de tais fenômenos multimidiáticos. Somem-se a estes os trabalhos de Andreatta (2021), *Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital*, e de Filho e Lage (2021), *Entre fake news e pós-verdade: as controvérsias sobre vacinas na literatura científica*. Esses textos discutem o tratamento digital das *fake news* durante o período da pandemia do Covid-19, a necessidade de letramentos críticos e digitais, como estratégias de construção de significado; e analisam como o conhecimento científico reconhece a produção da desinformação sobre as vacinas.

## **Na perspectiva dos multiletramentos: a rede social Instagram como um ambiente comunicativo**

Discutir a perspectiva dos multiletramen-

tos é reatualizar um diálogo com os gêneros discursivos. Bakhtin (2003, p. 262), em *Estética da criação verbal*, define gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados em condições de produção históricas que materializam a interação entre os sujeitos. Nesses termos, considera a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, sob o princípio básico da interação enunciativa. Segundo Bakhtin (2003, p. 261-262), os enunciados “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional”. Os enunciados consistem em unidades discursivas que provocam uma atitude responsiva por parte do interlocutor. Além disso, podem ser diversos, infinitos e heterogêneos, pois refletem condições específicas e finalidades de cada campo da interação humana.

É por meio da interação nos inesgotáveis campos da atividade humana que as possibilidades de gêneros do discurso são enunciados e materializados em textos orais, escritos e multimodais. Nesse sentido, “todo enunciado ou texto articula-se em uma forma relativamente estável de enunciar, que é o gênero” (ROJO, 2015, p. 28). Todas as nossas atividades cotidianas, como nossas escritas diárias, respostas às mensagens, e-mails, inúmeros *posts*, entre um simples “bom dia” e um “boa noite”, estão articuladas a um tipo de gênero discursivo.

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que determina os conhecimentos essenciais para a educação básica, considera os estudos de gêneros vinculados às práticas sociais. Essa concepção valoriza as práticas sociais reais ao enfatizar a importância das experiências e vivências dos alunos.

[...] No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências. (BRASIL, 2018, p. 136).

Com o advento da tecnologia de informação e revolução digital, novas práticas de leituras e escritas foram necessárias para lidar com as multimodalidades de textos que são cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos no ciberespaço, de modo que novas competências e habilidades demandam outros tipos de letramentos.

Para Soares (2002), a concepção de letramento se fundamenta:

[...] como sendo não as próprias práticas de leitura e escrita, e/ou os eventos relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o impacto ou as consequências da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação. (SOARES, 2002, p. 145).

Ou seja, a perspectiva social da interação está imbricada ao processo de interpretação. Diferente dos letramentos, os multiletramentos apontam para os dois tipos específicos de multiplicidade em nossa sociedade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos, de modo que esse conceito se caracteriza por textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses). Os textos contemporâneos, como os hipertextos e hipermídias, exigem os multiletramentos, pois estes são compostos de muitas linguagens (modos, ou semioses), o que demanda novas ferramentas além de uma análise

crítica por parte de quem os recebe (ROJO, 2012).

No universo digital, os sujeitos também estabelecem relações a fim de manter uma organização social. Nesse ambiente, essas relações acontecem por meio das redes sociais que funcionam como espaços em que as pessoas trocam informações, experiências e afinidades. Os *memes*, como sendo uma produção nativa da Internet, “são elementos culturais transmitidos por replicação e transformação, como os genes que se transmitem biologicamente” (PAVEAU, 2020, p. 348). Propagam-se rapidamente, tendo forte popularidade por causa do anonimato da produção e por constituir relação entre os indivíduos de determinadas inclinações sociais e políticas.

Segundo Marteleto (2001, p. 72), as redes sociais se definem como “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Nesse ambiente virtual, as pessoas criam suas páginas e compartilham opiniões nos mais variados aplicativos, como o *Facebook*, *Twitter*, *LinkedIn*, ou aplicativos, como *TikTok* e *Instagram*. A rede social aqui escolhida foi o *Instagram*<sup>2</sup>, em que é possível compartilhar fotos, vídeos, além de uma variedade de serviços.

Observamos que o uso intensivo da Internet, bem como a interação por meio de redes sociais têm acelerado e estimulado a criação de publicações e conteúdos diversos, a fim de serem curtidos, compartilhados e comentados. Nesse contexto, o uso de *memes* tem sido uma alternativa para uma melhor redistribuição e rapidez de informação, devido às suas características, como formato simples, escrita resumida, ou ape-

2 Aplicativo desenvolvido em 06 de outubro de 2010 pelos engenheiros Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, cuja função mais atrativa é a fotografia.

nas imagem, sendo de caráter humorístico ou não, além de sua fácil e rápida replicação. Essas características são semelhantes às de outros gêneros digitais, como a charge e a tirinha, visto que o *meme*, como um gênero ciborgue, propaga-se e viraliza-se em várias mídias no ciberespaço, principalmente nas redes sociais.

Usualmente o gênero *meme* problematiza ou satiriza uma situação da atualidade, podendo ser modificado, ampliado e replicado em uma velocidade incalculável, de modo que, ao ser compartilhado, implica em uma aprovação do conteúdo proposto. As condições históricas e sociais de certos acontecimentos discursivos atravessam, com muita frequência, esse gênero em sua enunciabilidade, por vezes, marcadamente humorística, bem como sua rápida disseminação.

## **Enunciação e pós-verdade (*fake news*): o discurso político-fundamentalista contra a vacinação**

O termo pós-verdade foi escolhido como a palavra do ano em 2016 pelo dicionário britânico *Oxford* e, desde então, tornou-se o foco de atenção na mídia e nas redes sociais. Está associada à crescente circulação das *fake news*, sendo ambas as palavras utilizadas como sinônimas. Contudo, segundo Zoppi-Fontana (2021, p. 91), podemos definir pós-verdade como:

[...] uma forma histórica particular da enunciação política caracterizada por ser a *fala de um locutor autorizado, identificado por um nome próprio e inscrito em um lugar institucional de destaque no campo político, a quem lhe seria atribuído um modo de dizer emocional e irracional e uma vontade de enganar e ludibriar a opinião pública*. A pós-verdade designaria, portanto, o modo de dizer

de atores políticos no poder nas condições atuais de exercício da fala pública no Brasil e em diversas regiões do mundo. (ZOPPI-FONTANA, 2021, p. 91, grifos da autora).

Desse modo, o termo *fakes news* difere-se do termo pós-verdade, uma vez que são construções sem alusão a nenhum locutor definido. Assim, na era da pós-verdade, as *fakes news* circulam e se multiplicam rapidamente, principalmente nas redes sociais, são informações falsas e distorcidas que percorrem o mundo todo a fim de produzir um consenso de crença (ZOPPI-FONTANA, 2021). Os acontecimentos dão palco à produção e proliferação dessas desinformações que se propagam como epidemia.

No final de 2019, na cidade de Wuhan na China, surgiram os primeiros casos da infecção do Covid-19. Esse vírus, mais conhecido como coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) ou simplesmente coronavírus, começa como se fosse uma simples gripe, que pode evoluir para uma pneumonia atípica e conseqüentemente levar a óbito. Por se tratar de uma doença respiratória altamente transmissível, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como pandemia, em 11 de março de 2020, como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional.

Dessa maneira, algumas medidas foram tomadas para diminuir a propagação do vírus e combater a doença, de modo que a pandemia passou a fazer parte do cotidiano e a causar mudanças na nossa forma de viver e conviver. Uma das principais medidas para a diminuição dos contaminados foi o distanciamento social e o uso de máscaras por toda a população. A pandemia se configurou como uma crise sanitária. O contexto político local não agregava soluções, pois a população brasileira estava representada por um governo autoritário, reacionário e negacionista que

logo nos primeiros meses de pandemia demonstrou despreparo e desconhecimento acerca da gravidade da doença.

Ao se pronunciar sobre a pandemia, o presidente da República proferiu no dia 20 de março de 2020 o seguinte enunciado: “[...] Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, não”. O discurso do presidente, minimizando a gravidade da situação, também reflete os discursos de seus apoiadores, como o do ministro da Saúde, o médico cardiologista brasileiro, filiado ao Partido Liberal, Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes, que ficou no cargo no período de 23 de março de 2021 a 31 de dezembro de 2022. Este cargo, segundo a Associação Médica Brasileira (AMB), precisa seguir a Constituição, “promovendo o bem geral do povo”. Entretanto, o ministro Queiroga inicialmente se opôs ao uso de máscara, defendeu o uso de medicamentos ineficazes, o chamado “Kit Covid”, e protelou a vacinação de crianças entre 5 e 11 anos, entre outras posturas incoerentes com o seu cargo.

Isto posto, atendendo a esse estado de coisas e às demandas de um contexto político de hostilização e negacionismo, a utilização e a propagação de *fake news* passaram a ser recorrentes durante a pandemia, minimizando a gravidade da doença e as poucas campanhas de conscientização da população. Isso culminou com a disseminação da desinformação por meio de discursos anti-científicos, o que têm impactado na confiança e valorização do conhecimento proveniente de órgãos e instituições competentes e engajados com a saúde pública. Uma das maneiras de propagação dessas *fakes news* se deu por meio do uso de *memes*, por desempenhar um duplo papel, pois, na medida em que produz efeitos de humor (ou não), pode trazer também, em sua esteira, efeitos de verdade.

Temos, com isso, um contexto de enunciabilidade não apenas amparado em enunciados políticos, em textos e orientações de órgãos públicos, mas em posturas negacionistas que engendram sentidos disseminados em discursos materializados nos gêneros hipermediáticos. Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) investiga a história das ideias humanas e das ciências por meio dos discursos. O autor chama de discurso “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2008, p. 137). Ou seja, pelo modo como se regulariza e se repete em suas retomadas, o discurso, assim, está relacionado com nossas práticas, historicamente determinadas e mobilizadas. Segundo o autor, os dizeres emergem das condições de produções em um dado momento histórico e as práticas discursivas produzem “verdades”.

Em *A Ordem do Discurso*, aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Foucault (2014) tece reflexões sobre como o discurso é construído e organizado na sociedade e como os dizeres constroem as verdades. De acordo com o autor, a vontade de verdade se instaura em meio aos sistemas de exclusão internos e externos do discurso. A verdade, para ele, difere do pensamento grego, segundo o qual era necessário subordinar-se à pessoa que o proferia. Em outras palavras, “a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação, sua referência” (FOUCAULT, 2014, p. 15), de modo que a verdade é desenvolvida e transita no transcurso da história, ou seja, ela é historicamente construída e estrategicamente situada.

A pandemia do Covid-19, como acontecimento, promove práticas e a produção de discursos. Com a difusão da Internet, em

que os sujeitos se posicionam de maneira livre sem a condução ideológica dos filtros da mídia de massa (CURCINO; SARGENTINI; PIOVEZANI, 2021), nos deparamos com a crescente produção de *fake news*. Os canais mais usuais de disseminação e circulação desses enunciados mentirosos se configuram em meios de comunicação, como as redes sociais. “As chamadas *fake news*, as informações falsas ou menos distorcidas espalhadas nas redes sociais, se tornaram uma epidemia que percorre o mundo inteiro” (ZOPPI-FONTANA, 2021, p. 93). A criação desses enunciados nas condições de produção da atualidade tem provocado efeitos perversos, como a emergência de discursos mais intolerantes, marcados pelo retrocesso e manipulação da notícia.

Na era da cultura digital, as *fakes news* ganham os mais variados estilos e gêneros devido à facilidade de criar, recriar e compartilhar o que o universo transmidiático possibilita. No Brasil, o período da vacinação foi marcado por uma enxurrada de informações que não condiziam com os valores e métodos científicos. O *meme* foi um dos gêneros utilizados em *posts* de Instagram e outras redes para propagar a desinformação acerca da vacinação infantil. Entre as *fakes news*, muitas estavam relacionadas ao posicionamento do presidente Jair Bolsonaro e de seus aliados que em seus pronunciamentos formais se mostravam preocupados com a economia, o que culminou com a proliferação de vídeos editados sobre o enterro de caixões vazios, para manipular os dados de números de mortos pela doença. Segundo o *G1*<sup>3</sup>, *nessa ocasião, a foto do caixão vazio era*

3 É #FAKE que foto mostre caixão enterrado vazio para inflar dados de mortos por coronavírus em Manaus. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/30/e-fake-que-foto-mostre-caixao-enterrado-vazio-para-inflar-dados-de-mortos>

*de três anos antes da pandemia, e estava vinculada a uma reportagem de golpe de seguro, em que “criminosos forjaram a morte de uma pessoa para receber valores de apólices feitas irregularmente, usando documentos dela”.*

A verificação sobre a credibilidade da informação no ciberespaço parte das práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens. Além disso, muitos memes estão relacionados com outros gêneros, como os gêneros jornalísticos-midiáticos, contudo, a *fake news* altera algumas estruturas e características para se parecer verdadeira. Segundo a BNCC:

[...] a questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de *sites* e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas. (BRASIL, 2018, p. 136-137).

Com a crescente proliferação da desinformação, muitas vezes ligada a interesses partidários, provenientes de discursos fundamentalistas religiosos e políticos, os discursos são produzidos como uma estratégia de instaurar um regime de verdade, fabricando saberes e deturpando a realidade. A BNCC, por meio de habilidades propostas para o Ensino Médio, tenta alcançar a sala de aula, enfatizando alguns procedimentos para checar a credibilidade dos fatos publicados, possivelmente, com um trabalho de análise e interpretação textual de gêneros multimidiáticos:

---

[-por-coronavirus-em-manaus.ghtml](#). Acesso em: 16 mai. 2022.

(EM13LP39) Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e *sites* checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*).

(EM13LP40) Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos –, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem. (BRASIL, 2018, p. 521).

Na BNCC (2018), há uma preocupação sobre a disseminação das *fake news* e de seus efeitos devastadores. Tal preocupação deve ser explorada de modo exaustivo na sala de aula, uma vez que esses efeitos podem vir revestidos de humor ou propagar discursos com vieses político-fundamentalistas que, normalmente, servem para privilegiar certos interesses políticos e econômicos, deslegitimando o discurso científico favorável à população.

Conforme verificamos no próximo item, nossa análise problematiza o discurso da pós-verdade, disseminado pela rede social Instagram consolidado em gêneros multimidiáticos. Nesse sentido, os *memes* podem determinar uma noção de pós-verdade, ao desconsiderar o discurso científico acerca da vacinação infantil contra o Covid-19 por meio da distorção, omissão dos fatos e do sensacionalismo.

## **Discursos em rede: a viralidade do negacionismo em práticas de multiletramento**

Na contemporaneidade, novas modalidades

de práticas sociais e de leituras, propiciadas principalmente pelo avanço tecnológico e pela Internet, vêm sendo amplamente difundidas. O ciberespaço é um lugar que desencadeia novos processos cognitivos e novas maneiras de ler e escrever, ou seja, de novos e multiletramentos. Nesse espaço virtual, as práticas sociais de escrita e leitura implicam em uma participação ativa no mundo e atitudes responsáveis acerca dos conteúdos (SOARES, 2002). Desse modo, no mundo digital, as enunciações da pós-verdade e das *fake news* podem impor novas versões para os fatos, o que pressupõe a necessidade de um letramento crítico para a construção de significados (LEMKE, 2010).

Sendo assim, quando nos deparamos com situações de negacionismo e de desinformação, que podem gerar o sensacionalismo de notícias isoladas e enunciados fundamentalistas, problematizamos os riscos na ordem dos discursos e de sua proliferação. No contexto da pandemia do Covid-19, encontramos uma variedade de notícias que são manipuladas e distorcidas, para favorecer determinado ponto de vista e influenciar pessoas a respeito de algum tema.

A proliferação de *fake news* ganhou destaque principalmente nas eleições de 2018, quando os eleitores se depararam com uma quantidade enorme de vídeos, montagens, teorias conspiratórias diversas e narrativas polarizadoras, cujo objetivo era alcançar as massas para um ganho político imediato. No bojo do acontecimento da pandemia do Covid-19, não foi diferente, muitas notícias foram divulgadas em sítios eletrônicos e em mídias sociais, com o intuito de deslegitimar o discurso científico e provocar efeitos contrários à saúde pública.

De modo geral, as *fake news* são disseminadas nas redes sociais e têm o potencial de prejudicar a população com alegações falsas

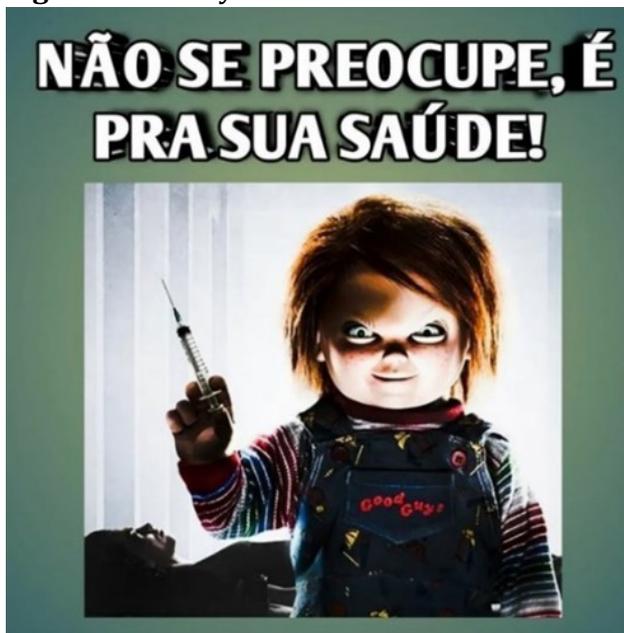
e teorias conspiratórias. Um dos recursos de propagação das *fakes news* foi utilizar o gênero *meme*, por ser um gênero construído a partir de uma imagem modificada e também por possuir uma linguagem verbal curta e concisa, tendo um maior alcance populacional. Além disso, a acessibilidade por meio dos aparelhos móveis (*smartphones*, *notebooks* e *tablets*) possibilitou a compreensão de linguagens multimodais que transitam na sociedade.

Nesse sentido, os textos contemporâneos exigem multiletramentos, por serem compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses), e intimam novas ferramentas além de uma análise crítica do receptor. Os novos tipos de textos que requerem novos letramentos são os hipertextos e as hiper mídias (ROJO, 2012, p. 21). O hipertexto é uma modalidade de texto que interage com o leitor, de modo plural, multissemióticos e, às vezes, efêmero. Do mesmo modo, o *meme* e as *fake news* se dispersam com rapidez e utilizam as redes sociais como trajetos de circulação, sendo, portanto, o lugar de se exporem as pretensas “verdades” que propiciam interpretações em disputa com a verdade factual. A enunciação mentirosa ou incerta, contida no *meme*, incute o desejo de enganar a grande massa de pessoas por meio da desvalorização do discurso científico.

No âmbito da AD, esse estudo observa o discurso da pós-verdade como um processo em construção. Deste modo, os procedimentos metodológicos vão se construindo, com base nos princípios teóricos e questões que norteiam a análise, não como um processo puramente subjetivo, mas como um movimento de interpretação que ancora as condições de produção que legitimam seus enunciados.

Vejamos a seguir dois *memes* que circularam no Instagram durante a campanha de vacinação infantil contra o Covid-19.

Figura 1: Chucky



Fonte: Screenshots do Instagram, 2022.

O *meme* da Figura 1, coletado na rede social Instagram, apresenta-se por meio da cenografia de uma personagem, o boneco *Chucky*, um notório assassino em série, que realiza um ritual de vodu e escapa da morte ao transferir sua alma para um boneco da linha de brinquedos *Good Guys*. O recurso discursivo propiciado pelo *meme* configura-se em uma *fake news* que associa à morte a vacinação infantil contra o Covid-19.

A construção do discurso se dá pela produção do medo na população e da descredibilidade na eficácia da vacina. Assim, três condições são observáveis a esta produção discursiva: inicialmente, tenta-se formar uma unidade entre vacina e morte; na esteira dessa pretensa unidade, assegura-se a unidade do sentido à interpretação do *meme* e, por isso, constitui um princípio de controle dos discursos sobre a vacina. Em resumo: vacina é morte. Além disso, podemos inferir que, interdiscursivamente, o enunciado se vale do discurso fílmico do terror, o que cenograficamente provoca no leitor o efeito de pânico e de perigo iminente sobre a vacinação infantil. O enunciado *Não*

*se preocupe, é pra sua saúde!* apaga-se pela multissemiótica da imagem que o constitui.

O *meme* em questão difunde a noção de pós-verdade, produzindo efeitos perversos, como o de não vacinar as crianças e deixá-las expostas ao vírus do Covid-19. A recepção desse conteúdo se refere às ideologias do sujeito que o produz e o divulga (SARGENTINI; CARVALHO, 2021). Há de se considerar, a partir da materialidade linguística – NÃO SE PREOCUPE, É PRA SUA SAÚDE! –, em caixa alta, a forma de expressão irônica, figura de retórica que consiste em dizer o contrário do que se pensa. Obviamente o enunciado ganha força ao mostrar um corpo, ao fundo, supostamente sem vida, após ter tomado a vacina, conforme a imagem da seringa vazia sugere, estando nas mãos do boneco assassino. Nesse caso, o intertexto fílmico de *Chucky* marca-se em sua multissemiótica como uma heterogeneidade mostrada, ao mesmo tempo em que constitui efeitos de sentidos aterrorizantes à vacinação. A *fake* partilha de uma formação discursiva conservadora e negacionista, em que se consolida o interdiscurso que a legitima para convencer o leitor a não se vacinar.

Do discurso científico migra-se ao discurso fílmico que deslegitima sua cientificidade, sua eficácia e seu poder de cura no interior de sua configuração fictícia, ocasionando novos efeitos de sentido pela via do terror, e produzindo, com isso, um efeito de verdade a fim de persuadir seu leitor. Sengundo Mangueneau (2005), não se pode atribuir um sentido a um enunciado fora do seu contexto. Além disso, o discurso só “adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho” (MAINGUENEAU, 2005, p. 55). É nesse exercício relacional de sentidos que as *fake news* ganham força e engendram outros significados com efeitos de verdade.

Já a Figura 2 remete a um *meme* que estava em circulação no Instagram durante a campanha de vacinação infantil contra o Covid-19. Ele apresenta a figura de uma mulher e uma criança, supostos mãe e filho. Essa mãe segura uma espécie de escudo em que há duas seringas espetadas junto a várias flechas de fogo. Também podemos perceber como a possível mãe está sangrando, ferida pelas flechas, mas se mostra resistente aos ferimentos, pois segura um livro que podemos inferir como sendo a Bíblia, livro sagrado do Cristianismo. A linguagem não verbal e a linguagem verbal consolidam no enunciado – “Protejam as crianças” – uma ideia de proteção contra um mal remissivo à vacina infantil contra o coronavírus.

**Figura 2** - Protejam as crianças



Fonte: Screenshots do Instagram (2022).

O discurso bíblico move-se nesse enunciado também em sua multissemiótica de um céu crepuscular, em tons arroxeados e com uma luz solar que se desvanece. Em Efésios 6, versículo 16, temos a seguinte passagem: “Em todas as situações, levantem o escudo da fé, para deter as flechas de fogo do maligno” (BÍBLIA, 2017, p. 1286). Ou seja, o intertext-

to inscreve-se no enunciado imagético que intercambia os sentidos de flechas de fogo e seringas como instrumentos de ataque do maligno. O escudo no segundo *meme* se apresenta como o escudo da fé, para proteger as crianças das seringas da vacinação, em sinonímia com as flechas de fogo atiradas pelo inimigo. O escudo em uma mão e a Bíblia na outra ratificam o interdiscurso religioso que, no enunciado, traz as escrituras como forma de resistência à suposta nefasta vacinação infantil. Boa parte do público evangélico fez coro com o discurso do presidente Jair Bolsonaro que, em sua primeira *live* de 2022, declarou que não iria vacinar sua filha de onze anos: “Minha filha de 11 anos não será vacinada”. Ou seja, o discurso cria práticas negacionistas e estas, por sua vez, reproduzem discursos igualmente negacionistas.

Assim, o cenário político brasileiro, à época, forja condições para a manipulação e/ou a distorção dos fatos, como uma estratégia da emergência da extrema direita, além da “compra de dados de usuários, as criações de perfis falsos na rede, a mimetização do formato jornalístico para produzir desinformação, além de outras estratégias que minam a relação entre ética e política institucional” (SARGENTINI; CARVALHO, 2021, p. 79). Dito isto, é preciso considerar a dimensão emocional da pós-verdade. O apelo emocional atribuído ao *meme* e a eloquência religiosa demonstram que o conteúdo incita o negacionismo à ciência, à vacina e assinala credibilidade unicamente na fé. Esse apelo à emoção, como demonstrado no segundo *meme*, pretende provocar no leitor uma comoção com os possíveis efeitos da vacinação infantil.

Portanto, o discurso que se vincula e se reafirma no *meme* não se significa sozinho, mas relaciona-se a outros, com sentidos impregnados de valores religiosos fundamen-

talistas, remissivos a um interesse político em disputa com uma vontade de verdade. Na contramão dessa postura, o discurso científico promove a vacinação a favor da vida e da diminuição dos casos de coronavírus.

Com efeito, as *fakes news* aparecem a partir de formatos diversos e recobrem um discurso enganoso com o propósito de desqualificar a eficácia da vacina e deslegitimar o discurso científico. Elas têm como objetivo alcançar uma descrença generalizada no discurso científico e impor uma vontade de verdade.

## Considerações finais

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a crescente difusão das *fake news* e a emergência da noção de pós-verdade em reproduções massivas em mídias digitais que se expandem nas redes sociais. Em uma sociedade cada vez mais conectada, o uso de *memes* contribui para uma discussão no âmbito dos estudos dos multiletramentos que têm como princípio uma educação crítica e reflexiva. Tal princípio dialoga em diversos aspectos com o que se propõe na BNCC, como promover ao aluno o debate, despertando-lhe a capacidade de discutir a realidade, de inferir uma significação sobre a realidade que o cerca, corroborando a ideia de que ler é despertar clareza sobre a sociedade da qual fazemos parte.

Com o avanço tecnológico, a cultura digital fez surgir novas práticas de ensino. Além disso, o uso de novas tecnologias no âmbito escolar desafia a prática de leitura e de escrita em outros parâmetros, o que exige competências para além dos letramentos com os quais lidamos. Assim, os multiletramentos emergem em diálogo com a era digital, ocupando um lugar de relevância nos currículos escolares. Mas, é preciso sempre indagarmos: como está a formação docente

nessa seara? Afinal, o professor não está apenas preocupado em dominar as ferramentas eletrônicas, mas em auxiliar o discente em construir posicionamentos críticos sobre o que ele traz do contexto social.

No processo de multiletramentos, a tecnologia, além de demandar conhecimento, permite o acesso à multiplicidade de novos gêneros discursivos que, a cada dia, se diversificam mais. Pelo modo efêmero como surgem e se disseminam na *web*, eles potencializam a propagação das *fake news*. Como um lado obscuro a ser desbravado, os novos gêneros digitais convocam-nos a conhecê-los para além de suas características, eles nos chamam a entender seu potencial de sentidos. São gêneros que recebem um tratamento digital e desencadeiam novas maneiras de os sujeitos se relacionarem com a leitura e a produção de textos. Daí, é preciso que novas habilidades de checagem e análise sejam construídas, para que o sujeito, especialmente o sujeito escolar, participe do seu processo significativo de circulação na sociedade.

A atenção que nós educadores devemos dar às novas formas de linguagem e de interação convoca-nos a observar como os enunciados projetam discursos e posicionamentos que refletem os modos de ser e de agir dos sujeitos. Com isso, percebemos como as redes sociais, em especial o Instagram, propicia grande circulação de discursos por meio de *memes* e, na esteira desses gêneros, supostamente humorísticos, proliferam-se as *fake news*, corroborando a pós-verdade. Tudo isso entrecruzou-se com um efeito de humor que, a um contexto pandêmico de tanto sofrimento, não causou riso, mas o dissabor do negacionismo.

## Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of**

**Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ANDRADE, Alan Victor Freitas de. **O meme como gênero ciborgue**: uma análise pós-humanista da página História no Paint na rede social Facebook. 2021. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2021.

ANDREATTA, Elaine Pereira. Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 88-103, 2021. DOI: 10.4013/cld.2021.191.07. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/22017>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÍBLIA. Efésios. Português. In: **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1286.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 05 jun. 2022.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso e pós(verdade)**. São Paulo: Parábola, 2021.

SOUZA FILHO, Luiz Alberto de; LAGE, Débora de Aguiar. Entre fake news e pós-verdade: as controvérsias sobre vacinas na literatura científica. **JCOM – América Latina**. v. 4, p. 01-17, jan./fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22323/3.04020901>. Acesso em: 28 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 49 (2), p. 455-479.

Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTELETO, Regina M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2001. DOI: 10.18225/ci.inf.v30i1.940. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/940>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradução de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (Estratégias de ensino; 29) p. 11-31.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís S. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SARGENTINI, Vanice; CARVALHO, Pedro Henrique de. A vontade de verdade nos discursos os contornos das fake news. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso e pós(verdade)**. São Paulo: Parábola, 2021.

SERRA, Alynne. **Fake News**: uma discussão sobre o fenômeno e suas consequências. 2018. 43 f. Monografia (Graduação) - Curso de Ciência da Computação, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2018.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e

escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, Dec. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 abr. 2022.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos

Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240 p. ZOPPI-FONTANA, Mónica. Pós-verdade e enunciação política entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso e pós(verdade)**. São Paulo: Parábola, 2021.

*Recebido em: 22/09/2023*

*Aprovado em: 20/11/2023*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.